

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

RITUAL DA VIÚVA KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Derli Bento e Solange Emilio

Orientador Prof^o José Antonio Kelly

Florianópolis SC.

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 20 dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às 09 horas, na Sala Calêndula do Centro de Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor José Antônio Kelly Luciani, Orientador e Presidente, Professor Ari Ghiggi Junior, Titular da Banca, e Professor Rafael Victorino Devos, Suplente, designados pela Portaria nº 27/HST/2014 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso dos acadêmicos Derli Bento e Solange Emilio, subordinado ao título: "Ritual da Viúva Kaingang". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, os acadêmicos expuseram o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, os mesmos foram argüidos pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestaram os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo os candidatos recebido do Professor José Antônio Kelly Luciani, a nota final 10, do Professor Ari Ghiggi Junior, a nota final 10, e do Professor Rafael Victorino Devos, a nota final; sendo aprovados com a nota final 10. Os acadêmicos deverão entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 20 de novembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. J. Kelly

Prof. Ari Ghiggi Junior

Prof.

Candidato Derli Bento, Solange Emilio



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CÉNTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Derli Bento e Solange Emilio _____, matrícula n.º 11100042 e 11104204 _____, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Ritual da viúva Kaingang na Terra Indígena Guarita _____, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, _10_ de _12_ de 2014_.

Assinatura manuscrita em tinta preta, aparentemente de uma mulher, sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

Sumário

Apresentação	3
Introdução.....	4
Ritual da viúva	5
A purificação da viúva	8
A função dos Pěj no ato fúnebre	10
O ritual da viúva nos dias atuais.....	11
As principais influências que levaram a perda de algumas partes do ritual da viúva	13
Diferença do ritual da viúva para o ritual do viúvo	15
Um pouco de história indígena	16
Kamě ti ter kãme	16
A morte do índio kamě.....	18
Considerações finais.....	20
Referências.....	21

Apresentação

Meu nome é Derli Bento, sou filho de Lourenço Bento e Iracema Bento, somos sete irmãos, quatro mulheres e três homens e eu sou o mais novo, nasci no dia 22 de outubro de 1986 na Terra Indígena Guarita. que está localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, essa T.I possui uma extensão territorial de 23 mil hectares, sua população é de cerca de 7 mil indivíduos.

Essa terra indígena está dividida em 16 setores e também com uma pequena população de Guaranis, a T.I Guarita pertence há três municípios, são eles, Erval Seco, Tenente Portela e Redentora.

Me formei no ensino fundamental na Escola Estadual Osmar Hermann com 16 anos, fui estudar no ensino médio no Instituto Estadual de Educação 2º grau Fagundes Varela, onde me formei, e também cursei o Magistério, esses educandários ficam todos no município de Miraguaí, no estado citado acima.

Sou casado com Solange Emilio e temos três filhos, são eles, Solene, Victor Jópár e a pequena Tênh Fej, eu e minha mulher iremos realizar esta pesquisa de TCC, pois somos colegas na Licenciatura Indígena, sou do povo Kaingang. Atualmente sou professor e coordenador em uma escola na minha terra.

Meu nome é Solange Emilio, sou Kaingang, filha de Geraldino Rê Rá Emilio e de Maria Rêgso Mineiro. Nasci no dia 17 de janeiro de 1985 na Terra Indígena Guarita localizada no estado do Rio Grande do Sul. Comecei meus estudos na escola da minha aldeia onde estudei até o 6º série. Depois continuei estudando fora da aldeia onde me formei na antiga 8ª série. Terminei o ensino médio em outra escola na cidade de Miraguaí no Instituto Estadual de Educação de 2º grau Fagundes Varela. Em 2009 comecei a trabalhar como servente na Escola Indígena de Ensino Médio Antônio Kasin Mĩg.

Introdução

A Terra Indígena Guarita está localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, essa T.I possui uma extensão territorial de 23 mil hectares, sua população é de cerca de 7 mil indivíduos. Essa terra indígena está dividida em 16 setores e também com uma pequena população de Guaranis, a T.I Guarita pertence há três municípios, são eles, Erval Seco, Tenente Portela e Redentora.

O povo Kaingang pertence ao tronco linguístico macro-jê sendo o terceiro povo indígena mais numeroso do Brasil. Seus territórios atualmente estão constituídos como Terras indígenas no sul do país, nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O povo kaingang do estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente na T.I Guarita, ainda fazem alguns rituais que fazem parte de seus costumes, como por exemplo, o ritual de passagem do menino para a adolescência, rituais de danças, sejam elas na família ou em festas, também fazem o ritual da viúva do qual iremos tratar nesse Trabalho de Conclusão de Curso.

O ritual fúnebre do povo Kaingang tem vários processos que acontecem durante o ato em si, dentre eles tem um específico. Este TCC se concentra no Ritual da Viúva.

O ritual da viúva Kaingang é um dos rituais existentes na cultura desse povo, o meu povo, ele é feito durante o ato fúnebre do falecido marido e sendo feito também após o seu sepultamento.

O que nos levou a fazer esse trabalho?

Bom, primeiramente pelo fato de ele ter nos chamado atenção por ser algo que já não acontece mais na nossa T.I, ou seja, não acontece por completo, algumas de suas partes ainda é feita de acordo com os seus princípios.

Algumas perguntas precisavam ser respondidas, pois não sabíamos de algumas questões sobre o ritual e isso precisava ser esclarecido, questões sobre o nũme (mundo dos mortos), fomos buscar nas entrevistas com as viúvas da comunidade e também junto a um pẽj, foi nos esclarecido e foi muito bom sabermos de coisas que não sabíamos até o momento das pesquisas.

Todas as pesquisas foram realizadas na nossa T.I, a Terra Indígena Guarita RS, ouvimos diferentes pessoas de várias comunidades, mas as que mais nos ajudaram foram pessoas do nosso setor, o setor São João do Irapuá, essas pessoas foram as seguintes, a minha mãe Iracema Bento com 62 anos de idade, que é viúva, a minha sogra Maria Regso Mineiro com 62 anos de idade que também é viúva e o senhor Adelino Gavóg da Rosa, que é Pëj na comunidade.

Também foram feitas pesquisas bibliográficas junto a Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, em Florianópolis SC, essas pesquisas nos ajudaram a fazer comparações com aquilo que pesquisadores não indígenas fizeram sobre meu povo, foi muito bom, porque pudemos ver que a maioria daquilo que ouvíamos dos nossos avós estava em livros, foi muito gratificante e aprendemos muito com isso, aprendemos com nossos velhos e também lendo em livros, tendo assim o conhecimento dos livros e o conhecimento dos velhos, o que mais importante.

Ritual da viúva

O ritual fúnebre do povo Kaingang tem vários processos que acontecem durante o ato em si, dentre eles tem um específico, do qual iremos falar dentro desse trabalho (TCC), que será o Ritual da Viúva.

O ritual da viúva começa quando é anunciada a família que o marido da mulher faleceu, todo índio kaingang além de sua casa de capim¹, também tinha um galpão onde ele fazia seu fogo de chão e contava histórias para seus filhos e netos.

Era para lá que os responsáveis pelo ato fúnebre o levavam quando falecia, quem o levava eram homens ou mulheres que eram preparados para esse fim e que também possuem as duas marcas do povo kaingang, esses são os pëj, pois somente eles podem tocar no falecido.

Enquanto um grupo de pëj preparava o local para velar o morto, outros traziam a viúva para dentro da casa ou do galpão de chão batido, nesse momento todos da aldeia já eram avisados pelos pã'i sī (pessoas que fazem parte da liderança), é deles a função de avisar a

¹ Casa na qual o índio morava, casa principal.

comunidade. Os pã'i sã são somente homens que um líder maior escolhe para lhe ajudarem quando for solicitado, um líder acima desses pã'i sã chamamos de Pã'i, que poder ter vários, dependendo de quantas aldeias tem dentro da T.I, mas acima desses ainda tem o Pã'i Mág que seria um líder maior que os demais, fazendo assim as subdivisões de lideranças dentro da comunidade indígena.

Os pěj não falavam baixinho com a viúva, eles falavam em alta voz com ela, anunciando o que iria acontecer dali para frente, os pěj pegavam no braço da viúva e faziam-na deitar de baixo da mesa onde estava o corpo do marido falecido, pois o homem ocupa um lugar de destaque na família ou até mesmo na sociedade kaingang, por isso o colocavam em um lugar alto.

Quando a viúva estava deitada os pěj mandavam cobrir seu rosto e não a deixavam olhar para os lados porque estava impura, diziam que se ela olhar nos olhos das pessoas que ali estão os mesmos poderiam ficar doentes e até mesmo morrer. Dali pra frente o seu lamento é só, ninguém a ouve prantear a morte de seu marido, somente ela e suas lembranças.

Os parentes do falecido lamentam sua morte, principalmente as mulheres da família, sua mãe se ainda tiver, suas irmãs que chorando perguntam para ele, porque tomou a decisão de ir embora deixando sua família e filhos como se ele fosse o principal culpado da sua morte, lamentando dizem: “E agora, para quem daremos o bolo (ẽmĩ) que fazíamos pra você, porque você está nos deixando, por acaso não gostava de nós e nem de seus filhos e mulher?” Esse é o lamento dos seus familiares, culpando o falecido por ter os deixado.

A noite chega e os homens estão ao redor do fogo no lado de fora da casa, seus kakrẽ (sogro), seus jamré (cunhado) e também seus kẽke (irmãos de sangue ou marcas iguais) que bebendo o goj fa² se lembram das roças, caças e festas que faziam junto e que agora isso termina com sua morte, quando já estão alucinados pelo efeito da bebida, dizem que, um dia estarão junto novamente em outra vida.

Os kaingang se lembram de seus parentes já falecidos, quando estão em uma roda de conversa com amigos e lembrando-se do passado, nunca dizem que aquele parente “morreu”, mas sim que foi embora, foi para outro lugar, esse outro lugar que falamos chamamos de nũme, ou seja, aldeia dos mortos. É para esse lugar que aqueles que morrem vão embora, não pertencendo mais assim ao mundo dos vivos. Os velhos diziam que lá no nũme não tem

² Esta é uma bebida tradicional feita á base de mel e caldo-de-cana fermentada.

fome nem doenças tudo é bom, pois seria um lugar de descanso, lá seria a terra sem males onde todos os parentes se encontrariam após a morte, sejam eles consanguíneos ou não.

Quando o dia está amanhecendo, os pěj medem o comprimento e largura do falecido com uma lasca de taquara para então fazerem a sua cova que será na profundidade de sete palmos, onde ele será sepultado, enquanto está sendo preparada a cova, os parentes do falecido servem comida para alimentar os que permaneceram no velório.

Os pã'i convidam a todos para entrarem na casa para o conselheiro dar conselhos para os familiares do falecido.

Depois do conselho dado, a família faz uma última homenagem, lamentam e pranteiam a morte do parente, então os pěj são ordenados a levar o corpo para o cemitério, é nesse momento que a viúva é descoberta para que ela possa olhar uma última vez para o marido, e então eles pegam-na e cortam seu cabelo.

Conforme o relato da viúva Iracema Bento da T.I Guarita, Rio Grande do Sul, os pěj dizem para a viúva: “Isso é para ele ir em paz e não voltar para sua casa, coloca o cabelo da viúva na caixa ao lado do marido e depois dizem pra ele, vamos, se levante, vamos te levar pra onde você quis ir”.

Ao analisarmos essa fala percebemos que, o falecido era considerado o principal culpado da sua morte, porque ao falecer ele deixa o lugar onde seus filhos e parentes estão e que estes agora ficarão lamentando sua partida, além do mais terão de passar por uma purificação para que o mesmo não possa leva-los consigo.

Voltando ao sepultamento do falecido, os pěj pegam o morto e levam para o vënhkej (cemitério) enquanto que outro pěj leva a viúva para mata onde começará a sua purificação, ficará os dias necessários, dependendo da sua marca isogâmica, kairu (marca arredondada) ou kamê (marca com riscos horizontais) para então estar pronta para voltar pra sua casa e se casar novamente se assim desejar.

A purificação da viúva

Depois de ter se despedido do seu falecido marido, a agora viúva é levada para a mata onde passará pelo ritual de purificação, longe dos olhos de todos, ela ficará os dias necessários para se purificar, se o falecido for kamẽ, a viúva ficará entre 30 a 40 dias de purificação, se ele for kairu ficará menos dias, de 5 a 10 dias.

Há algumas perguntas que surgem no tema da purificação, por que os kamẽ ficam mais tempo de dieta (vãkre) do que os kairu?

Bom, isso ocorre porque os velhos dizem que os kamẽ tem o espírito mais forte, por isso o cheiro do marido não sai logo da viúva e o kairu já é mais fraco de espírito e então fica menos tempo.

Lá na mata, era feita uma pequena cabana de capim para a viúva, perto do rio, para que ela pudesse tomar seus banhos de ervas, ou seja, o ritual das ervas, ficava o tempo todo em atenção, os velhos dizem que quando ela tomava seu banho de ervas, teria que falar para elas (as ervas) lhe protegerem do espírito do seu falecido marido, porque nem em sonhos ele poderia falar com ela.

Maria Conceição de Oliveira (1996) cita uma fala de Fokãe, kujá da T.I. Xapecó SC, a respeito disso: “Se a viúva vem sonhando muito com ele [marido] tem que fazer um travesseiro de kuprer [alfavaca]. Se mais alguém da família sonha, pode fazer travesseiro pra todos, até pras criança. Assim tá protegido” (OLIVEIRA, 1996, p. 127).

Percebe-se que a viúva tem de ficar em intensa purificação para que o falecido marido não possa prejudicar o seu corpo e nem seu espírito.

Quando a viúva está passando pela purificação, até mesmo sua alimentação deve ser de acordo com sua marca, a comida seca é para os kamẽ e a mais úmida é para os kairu. Sobre este tema, o pẽj Adelino Ga Vóg nos relata:

A gente leva comida seca pra viúva lá no mato, se o seu falecido era kamẽ, essa comida é o pisé que é seco, é feito com o milho torrado e socado no pilão, se o falecido era kairu a gente leva a sopa do pisé, a comida seca é para os que têm kãnhmég (espírito dos vivos) forte e a sopa é para os que têm o kãnhmég fraco e ela tem que ter mais cuidado nos primeiros sete dias porque o falecido ainda quer voltar e levar alguém com ele, depois que chega os dias

ela, antes de voltar pra casa ela tem que abraçar uma árvore que é o karugmág e só depois de um ano ela pode casar de novo porque o seu veneno passou pra árvore e assim a árvore vai secar (Entrevista com Adelino Ga Vóg, T.I. Guarita, março, 2014).

Então percebemos que além de tudo o que a viúva passou, ela tem que ter todo um cuidado, além da sua purificação e alimentação deve estar em constante contato com as ervas, seus filhos, netos e tudo o que está dentro da casa deve passar pela varredura, isto acontece quando o que está responsável pela sua purificação faz um tipo de vassoura com as ervas e varre tudo o que tem dentro da casa, conforme relato de Ga Vóg.

Dessa forma os aromas das folhas criam um tipo de barreira para que quando o vënhkuprîg (espírito do morto) do seu marido está rondando a sua casa não possa entrar, pois o cheiro do remédio fica ao redor da casa e também naqueles que se passaram ou tomaram banho com elas.

Desde muito tempo essa forma de purificação da viúva faz parte da cultura kaingang, um conhecimento que era passado para toda a comunidade, todos sabiam o que iria acontecer quando alguém morria. Se fossem casados passariam por essa purificação, mas quando era o homem que ficava viúvo ele não passava pelas mesmas coisas que a mulher, digamos que, por certa humilhação, mas que vendo pelo lado dos costumes kaingang, para a mulher era preciso para que ela pudesse voltar juntos dos seus sem prejudicar a saúde corporal e espiritual dos mesmos.

A respeito do luto, Ana Lúcia Vulfe Nötzold coloca que quando morre uma pessoa, seu filho ou filha, tem que usar roupa preta durante um ano (Vulfe Nötzold, 2004, p. 58). É muito importante salientarmos que em algumas terras indígenas esse costume trazido pelos não indígenas prevaleceu e que até hoje fazem parte da cultura das mesmas. Entretanto, em outras T.I esses costumes não se verificam, como no caso da T.I Guarita RS, onde a purificação em si já é uma forma de luto, conforme o relato da senhora Iracema Bento:

Os fóg usam roupa preta quando estão de luto, mas a gente que é índia não faz assim, porque isso é deles, quando fiquei de luto foi quando eu me lavei com remédio e quando eu terminei eu tive que abraçar uma árvore, depois a gente se lava com outros remédios do mato durante um ano e aí termina, é assim que é o nosso luto, o costume dos velhos. (Entrevista com Iracema Bento, T.I. Guarita, abril, 2014).

Então vemos que dependendo da T.I os costumes mudam, usam ou adaptam outros costumes com os seus, mas notamos que a purificação com as ervas ainda é a principal forma de manter a cultura kaingang nos atos fúnebres.

A função dos Pěj no ato fúnebre

Como já ressaltamos o pěj tem uma função muito importante na sociedade kaingang, pois é dele o dever de levar o corpo do falecido para ser velado e conseqüentemente também de sepultá-lo.

Quando o índio morre, o pěj é quem o prepara para ser velado, ninguém mais a não ser ele deve fazer isso, ele fala com o morto e somente é a voz dele que o morto ouve, isso acontece porque foi preparado para esse fim.

Quando uma criança nasce o kujá ou o velho da família é quem diz se ela vai ser pěj, se escolhida ganhará um nome de animal que fica na terra, por exemplo, nome de tatu, de lagarto, de minhoca, etc. Esses são nomes masculinos, se o pěj for do sexo feminino ganhará o nome de aves.

Os pěj masculinos usavam os nomes Gavóg (mexe na terra), Gatánh (terra verde), Gavaróg, Gasá (terra preta) e Graprég; e as pěj usavam Gatě (terra que voa), Garig, Garĩjá, Garé e Garěn (Pedro Rêton Candido, 1997, p. 130).

Portanto, vemos que os pěj não eram somente homens, as mulheres também faziam parte dessa função, conforme citado acima.

O pěj é uma das pessoas mais importante da aldeia, pois a sua função ocupa um lugar de destaque, sendo que somente ele pode levar consigo as duas marcas do nosso povo, o kamě e o kairu, mantendo assim o equilíbrio cosmológico kaingang. Como já foi citado, somente o pěj pode falar com os mortos, é somente ele que eles ouvem e obedecem, se uma pessoa que não está preparada fazer o trabalho em que o pěj foi designado fazer, este não conseguirá porque os espíritos das ervas, da mata, do ar, do céu e da terra não estão nele, fazendo com que o cosmo principal não entre no morto, assim este ficará imóvel, duro.

Mas quando é um pěj que fala com morto este o ouve ficando leve, perdendo sua rigidez, isso acontece porque a maioria dos espíritos estão no pěj sejam esses da terra ou do céu, mas quando um pessoa que não está preparada fazer esse procedimento, nada acontecerá porque os espíritos não estão nele, quebrando assim o equilíbrio de ambas as partes, do mundo dos vivos e do mundo dos mortos.

Os pěj levam as duas marcas isogâmicas do povo kaingang e isso lhe da certa liberdade na comunidade, além de participar das duas fogueiras que tinha na festa do kiki, culto os mortos, ele poderia se casar com moças que fossem kamẽ ou kairu, pois ele é kamẽ e kairu ao mesmo tempo, portanto ele poderia se casar com qualquer mulher independente da sua marca isogâmica.

Quando um membro da família vem a óbito é onde todos estão com seus espíritos fracos, as sua mentes estão ligadas na pessoa que faleceu, portanto tudo leva a lembrança do ente querido, seus parentes e amigos estão chorando e assim seus espíritos tornam-se desprotegidos, é nessa hora que o pěj aparece para dar assistência quando a família mais precisa.

Ao analisarmos isso vemos que o pěj aparece na cultura kaingang como uma pessoa que ajuda a aldeia ou a família enlutada, foi escolhido para lidar com uma coisa a qual ninguém está preparado, a morte.

O ritual da viúva nos dias atuais

Como acontecia no ritual da viúva nos tempos passado, hoje na T.I. Guarita não acontece mais, ou seja, o ritual não é mais feito por completo, a parte onde os pěj cortavam o cabelo da viúva não acontece mais, também não ficam mais na mata os dias que são fundamentais para a purificação do seu corpo.

A respeito disso Maria Conceição de Oliveira coloca que:

Atualmente a viúva fica na casa de um dos filhos ou de outro parente e, dentro do possível ela, após ter ser banhado (purificação que protege) e de ter cozinhado de madrugada (invertendo-se de certo modo a relação dia e noite), deve voltar para cama, pois não pode **olhar** para ninguém, principalmente para as crianças enquanto

dormem, já que ela (ou seu olhar) corre o risco de adoecê-las. (OLIVEIRA, 1996, p. 126).

Ao analisarmos esse trecho do texto, percebemos que isso também acontece na T.I. Guarita, o ritual em sua maior parte acontece de acordo com as mudanças dos costumes dentro dessa T.I.

Quando é o momento da viúva se purificar, ela vai tomar seu banho de ervas lá na mata, e ao realizar o procedimento logo em seguida retorna para casa, nesse meio tempo, se ainda tiver filhos morando com ela, esses também devem se banhar com ervas especialmente para eles, essas não as mesmas que a sua mãe viúva usa, evitando assim que o cheiro da mãe viúva não os adoça.

Ao perguntarmos para uma das viúvas pesquisadas, ela nos respondeu:

Quando a gente está de luto e está se lavando com remédios, nos temos que ter muito cuidado com nossos filhos que moram junto na mesma casa, quando está amanhecendo eles devem se levantar para se banhar com as ervas, e só depois que eles voltarem daí a gente pode levantar, daí os filhos já tão protegidos. Quando a viúva se acorda cedo e os filhos ainda não, lá da cama a gente grita, “ha nĩ sa kar nĩjẽ kĩgẽ”, é assim que falamos “se levantem pra eu levantar depois” Aí os filhos se levantam e nós, as viúvas, não podemos se levantar primeiro que nossos filhos e varrer a casa, porque podemos varrer os espíritos deles pra fora de casa assim eles vão ficar doentes. (Entrevista com Iracema Bento, setembro de 2014).

Quando comparamos a fala da senhora Iracema Bento com a fala de Oliveira temos a exata confirmação de que realmente, nos dias atuais, o ritual da viúva kaingang sofreu alguma mudança, foi observando isso que algumas perguntas surgiram em meio à pesquisa, onde que todos esses questionamentos foram levantados, o porquê dessa mudança? Quais os motivos ou influências que levaram a essa quebra de algumas partes do ritual?

Conforme a fala da senhora Maria Rengso Mineiro nos mostra que:

Os antigos pẽj faziam a viúva ir ficar no mato pra tomar banho com as ervas, daí ela ficava até quando fosse sarada e o cheiro do marido dela saísse do seu corpo, mas antes eles já tinham cortado o seu cabelo, então quando ela ficava lá no mato os dias que era para sarar ela abraçava um karugmág e depois voltava. Depois que os índios conheceram a bíblia eles deixaram de fazer essas coisas com as viúvas, aí eles ficaram crentes e não cortaram mais os cabelos delas porque disque era pecado os

fóg da igreja falaram que aqueles que fizessem isso não iriam pro céu. (Entrevista com Maria Renso Mineiro, setembro de 2014).

Como percebemos na fala da senhora Maria Renso Mineiro, algumas partes do ritual da viúva não foram mais realizadas depois que as igrejas se instalaram nas terras indígenas, isso iremos tratar no texto abaixo.

As principais influências que levaram a perda de algumas partes do ritual da viúva

No passado o povo kaingang vivia de acordo com seus princípios e costumes, todos os rituais realizados eram feitos nas mais profundas de suas essências, mas com a chegada do homem branco (não indígena) tudo mudou, trouxeram muitas coisas que levaram a quase perda total dos rituais existentes no nosso povo.

O ritual da viúva foi uma dessas quase perdas, nas entrevistas realizadas, percebemos que a igreja influenciou muito na perda da maioria dos nossos costumes, assim como outras influências, como, por exemplo, a instalação das escolas nas nossas terras, não só do nosso povo mais de outros indígenas, outro exemplo são as sociedades não indígenas que fazem divisas com nossas terras.

Ao responder sobre esse tema, a senhora Iracema Bento declara que:

Quando uma mulher ficava viúva ela passava por várias etapas de purificação, minha avó me falava que os pëj não tratavam bem ela, nem o falecido marido dela eles tratavam como hoje, mas depois que as igrejas vieram tudo mudou, porque os índios ficaram crentes e aprenderam na bíblia que não se pode maltratar o próximo, foi aí que começou a mudar o ritual da viúva porque já não cortaram mais o cabelo dela e nem levaram mais ela lá no mato pra ficar lá tomando banho com as ervas. (Entrevista com Iracema Bento, outubro de 2014).

Percebesse que quando as igrejas se instalaram nas terras indígenas, uma de suas prioridades era de fazer com que os índios ficassem “crentes” ou “catequizados”, ao realizar tal proeza, os indígenas já não cultuavam mais seus espíritos, porque para a igreja tudo aquilo não era de acordo com os princípios de seus ensinamentos.

Antes da chegada das igrejas, o povo kaingang buscava seus conhecimentos na mata, faziam seus rituais buscando os espíritos da mata, dos animais e da mãe terra, tais espíritos que chamamos de Tón³, por exemplo, Ga Tón, que significa espírito da terra, era esses a quem os kaingang buscavam para tratar uma doença, ou até buscar o espírito das pessoas que estavam perdidos.

Quando uma mulher ficava viúva, ela buscava o Nón Tón, espírito da mata, para que todos os espíritos entrassem nas ervas com as quais ela iria se purificar além do mais ela fala com Tupẽ⁴, o ser maior, criador de todas as coisas na terra, nesse caso Deus.

Ela não estava descrente daquilo que acreditava como diziam as igrejas, não só a viúva, mas também todos os kaingang faziam seus pedidos ao grande criador Tupẽ, pois se ele não tivesse criado as ervas a quem a viúva pediria a sua cura no ato de sua purificação?

Percebemos então nas entrevistas que, algumas partes do ritual da viúva já não são mais realizadas na T.I Guarita, havendo então uma mudança ou adaptação nos seus elementos formadores, por exemplo, o cabelo da viúva já não é mais cortado, mas ela juntamente com seus familiares ainda dorme onde o seu marido está sendo velado.

A viúva já não fica mais na mata os dias que são recomendados para sua purificação, ela fica em sua casa, se mora sozinha, tendo assim o máximo de privacidade para tomar seus banhos de ervas e purificar-se dos odores do seu falecido marido.

Quando questionamos a senhora Maria Regso Mineiro sobre as influências das igrejas, ela nos respondeu dizendo que:

Quando a gente não era crente nós fazia tudo os vênkhkygtón (banho com as ervas) com os remédios do mato, mas depois nossas mães aprenderam que não podia fazer certas coisas, quando ficavam viúvas elas tinham o cabelo cortado mais agora não é assim porque nós ficamos crentes e a gente não faz mais isso hoje porque as igrejas e as escolas lá no passado tiraram um pouco dos nossos costumes mais não tiraram tudo. (Entrevista com Maria Regso Mineiro, outubro de 2014).

Ao analisarmos essa fala percebemos que lá no passado, não só as igrejas, mas também as escolas introduzidas nas terras indígenas fizeram com que algum de nossos costumes fosse reduzido, mas nem tudo se perdeu porque o povo kaingang vem lutando para

³ Significa espírito de algum elemento que venha da terra, água, mata e ar.

⁴ Na língua kaingang quer dizer Deus.

que os seus costumes não possam terminar, pois só assim os jovens de hoje irão aprender os seus valores como cidadão kaingang e se valorizarão como tal.

Hoje os velórios são realizados nas igrejas das comunidades da T.I Guarita, vemos então que ouve, de certo modo, uma aceitação de ambas as partes, pois ao realizar-se algum tipo de ritual na aldeia, a igreja hoje não interfere como no passado, mas dá incentivo para que os costumes tradicionais não acabem e assim os nossos costumes só tem a ganhar.

Na nossa T.I, as escolas vem a um longo tempo lutando para que nossos costumes sejam mantidos, fazendo reuniões e seminários junto com os velhos de cada comunidade, estes falam como era lá no passado e fazem comparações com os dias de hoje, dizem que os costumes mudaram e não era isso que queriam.

Nessas reuniões são convidados todas as pessoas e grupos que fazem parte da comunidade, a igreja é um desses grupos convidados, todos ouvem atentamente o que os velhos falam, e aprendem, as escolas para ensinarem seus alunos e as igrejas para serem mais compreensivos com nossos costumes.

Diferença do ritual da viúva para o ritual do viúvo

Ao pesquisar sobre o ritual da viúva e saber da maioria dos seus detalhes, também ouve a necessidade de saber se o ritual do viúvo tinha diferenças, então ao falarmos com as viúvas da comunidade vimos que o homem também passava pelos mesmos processos que a mulher viúva, sobre esse tema a senhora Iracema Bento relata que:

A viúva passava por toda a purificação, do velório até o sepultamento do falecido, mais o homem quando ficava também passava pelas mesmas coisas, tem que se cuidar para não olhar pras moças quando ainda tá tomando banho com as ervas, só depois que tiver feito todos os banhos aí pode casar de novo, uma coisa que os pëj não faziam era cortar o cabelo dele, só isso é diferente, mesmo assim ele tinha que ficar lá no mato os dias necessários e depois no final ele abraçava um karugmág [angico] pra depois voltar pra casa dele, mais hoje é tudo diferente os mais novos quase não fazem mais isso, alguns nem se purificam mais quando ficam viúvos ou viúvas. (Entrevista com Iracema Bento, outubro de 2014).

Portanto vemos que, o homem passava por quase todo o ritual menos o do corte do cabelo mesmo se o cabelo fosse comprido, mas passava por todos os outros processos, desde a sua mulher ser velada até seu sepultamento, depois ele tinha que ficar na mata recebendo os mesmos cuidados que a mulher viúva, só depois de ter se purificado por completo, poderia voltar ao convívio dos familiares.

Nos dias atuais o ritual da viúva ou do viúvo já não é mais feito por completo, isso ocorre por vários motivos e influências, alguns desses foram citados nesse trabalho, a igreja no passado, as escolas também do passado, mas vemos também que, com as necessidades de revitalizarmos os nossos costumes, não só as escolas, mas também as igrejas ajudam hoje a manter viva a nossa cultura, dando a oportunidade aos mais jovens de conhecer, não só nos livros, mas também em rodas de conversas como fazia no passado com nossos velhos.

Um pouco de história indígena

Kamē ti ter kãme

Výsa kanhgág ũ ne vĕnhpĕti ja nĩ, tĩ vĕnhpĕti ki tóg ter mũ, kŷ pĕj ag ne ti vyn kŷ ti vamũ ja nĩ, ĩn mag kãra.

Pĕj ũ tóg ti prũ fi pére vyr ja nĩ ĩn mag kãra ke gé, fi gãnh kym vŷ ser ag, kar ag ne fi mŷ vĩ tar ge ja nĩ:

- Ā mén rã nŷ nén ũ tŷ ã kakã péju kŷ. jãvo ag ta ã gãnh tag tŷ ti rã fij mũ, ti tŷ jatun mŷ tŷg jé, ke mũ ser, kŷ fi ne han mũ ser, pĕg ag vĩ ki.

Kanhgág ti jamré ag, kar ti mré ke ag ke gé, ag tóg ti mŷ ge mũ kygfŷ kŷ:

“- ha tŷg ser, jatun mŷ tŷg, ã kósin ag tú jykrén tŷg nĩ, mŷr ã tŷ tŷg sór ja vĕ.”

Kar pĕj ag ne ga kũm kŷ kãkã ti fi ja nĩ. Kar ag ne ti kri ga vãm ja nĩ ser, jo ti tŷ ag krãm nŷ kŷ ag ki ĕmĕg nŷ ja nĩgtĩ.

Kanhgág tĩ tŷ mrin ke mŷr ti ne vĕnhkej kãtá nŷ ja nĩ, kŷ ti vŷ ti jykre ki ge ja nĩ :

- Inh sa hĕre nĕ tag kã nŷ nĩ vĕjkej kãki? Inh mŷ ter hĕn? Inh mŷ sa pénmé ja nĩ.

Kỹ tĩ ne, inh mỹ sa inh ãn ra tĩg mũ, ge mũ ser jãg kỹ, kỹ ti vỹ vyr ja nĩ ser ti ãn ra.

Ti ta tĩ ra ti ne kanhgág ù ag vég mũ, kỹ ti tóg ãmĩn fyr ki vẽnhpéju ja nĩ vãn h kãki, ag tỹ ti rã mũn kỹ ti ne tĩg mũ ser ti ãn ra. Kỹ ti ne ti jykre ki ge ja nĩ:

- Sa hẽre nẽ je mũmẽg tĩ nĩ, mỹr inh pi ge ja nĩ. Ge ra ti tóg vyr ja nĩ ãmĩn jagma, ti ãn ra.

Ti tỹ ti ãn kuvar sĩ mĩ tĩ ra, ti kasor vỹ hóghóg ke mũ, kỹ ti ne “- hamẽ inh kasor ti.” kej kỹ furũr ke ja nĩ.

Hãra ti tỹ ti ãn kakó sĩ mĩ tĩ ra, ti kasor ne hóghóg ke mãn ja nĩ. Kỹ ti prũ fi ne fi jãvy ti mỹ: “- hamẽ re tá vej kutẽ”, ke ja nĩ.

Kỹ ti vỹ re tá vej tĩg mũ, ti tỹ vỹn ke kỹ ti ne fi mỹ, ne pi jé, kasor ag vãnhmãn vỹ, ke ja nĩ.

Kanhgág ti vỹ ti ãn ki jun mũ ser, hãra ti kasor ag tóg ti tu rãm ke kỹ pétã tĩ, kỹ ti prũ fi jãvy vỹ fi mỹ: - havé, inh mỹ ã mén ti vẽnhkuprĩg vỹ”, ke ja nĩ.

Kỹ kanhgág ti ne e' ke kỹ. “- inh mỹ sa ter ja nĩ, kỹ ti ne fỹ ja nĩ ti krã ag tu jykrén kỹ.

Kamẽ ti ja vẽ, hã kỹ ti kasor ag tóg ti vẽnhkuprĩg ve ja nĩ, tar tóg nĩ kamẽ ag kãnhmég ti. kỹ ag tỹ ag ãn kakó sĩ mĩ tĩn kỹ ag kasor ag vỹ ag mẽj mũ, ke ag tỹ tĩ gufã ag. Jo kanhru ag pi ge tĩ, mỹr ag kãnhmég tỹ krój nĩ, ãg si ag tóg ge tĩ.

Kỹ vỹ ser, kamẽ ti ter kãme ti.

A morte do índio kamã

Uma vez um índio kaingang sonhou e no seu sonho ele havia morrido então os pëj o levaram para dentro da sua casa grande, outro pëj levou para o mesmo lugar cortando o cabelo dela falou em voz alta: “deita ao lado do seu marido e cobra seu rosto com alguma coisa e vamos colocar o seu cabelo cortado ao lado dele para que ele possa ir em paz”. Então a viúva fez o que os pëj a mandaram fazer.

Seus cunhados e irmãos chorando falavam para o índio falecido: “vai, vai de uma vez e vai em paz, não se lembre de seus filhos, pois foi você que decidiu ir”.

Nesse momento os pëj começaram a cavar a cova para o então sepultar, colocaram-no dentro da cova e começaram a jogar terra em cima dele e ele lá dentro ouvia a terra caindo sobre si. Foi nesse momento que o índio acordou do seu sonho e ao olhar ao seu redor viu que estava dentro de um cemitério então pensou.

“Porque será que estou dentro do cemitério? será que eu morri? ou talvez tenha ficado bêbado e vindo dormir aqui”.

Então o índio falou, acho que vou pra casa e assim fez. Quando estava voltando para sua casa avistou um grupo de índios e se escondeu na beira da estrada dentro do mato, depois que eles passaram ele retomou sua caminhada. Então o índio em seu pensamento falou: “Porque será que estou com medo das pessoas, pois eu nunca fui assim”. Mesmo assim seguiu seu caminho.

Quando estava não muito longe da sua casa ouviu seu cachorro latir, então falou: olha meu cachorro e se apresando foi para casa.

Quando já estava um pouco perto de sua casa seu cachorro latiu novamente, então sua mulher falou para o irmão mais novo dela ir lá ver porque o cachorro estava latindo, então o rapaz foi ver o que estava acontecendo e como não havia nada voltou e disse que os cachorros estavam loucos.

Foi nesse momento que o índio chegou a casa e seus cachorros latindo avançaram nele e depois corriam então o irmão mais novo da sua mulher falou para ela:

__Olha, deve ser o espírito do seu marido que morreu. O índio caindo em si disse: “acho que eu morri e lembrando-se dos filhos que havia deixado chorou profundamente”.

Ele era kamẽ foi por isso que os seus cachorros latiram quando viram seu espírito, todo os kamẽ tem seus espíritos fortes. Quando eles estão não muito longe de suas casas os seus cachorros sentem que ele está chegando, enquanto que os kairu são fracos de espíritos, assim os velhos dizem.

Então essa é a história da morte do índio kamẽ.

História contado por Iracema Bento.

Considerações finais

Ao pesquisarmos sobre o Ritual da Viúva Kaingang na T.I Guarita, vimos que tudo aquilo que sabíamos sobre o tema não era o suficiente, e no decorrer da pesquisa aprendemos e descobrimos coisas novas. Também quando pesquisamos algumas referencias bibliográficas percebemos que, na maioria delas, ao tratar sobre dos mortos, sempre ia-se de encontro com a festa do kiki e sempre se falava em termos gerais sobre o homem e a mulher, mas se falava mais do sexo masculino do que o feminino.

Então buscamos saber mais sobre a mulher e foi aí que surgiu a ideia de pesquisarmos sobre o ritual da viúva, focamos mais nesse assunto e aprendemos muito, pois pudemos estar mais perto de nossas velhas índias e aprendermos com elas coisas novas, e o valor dos rituais. Esperamos que esta pesquisa sirva de apoio para os futuros pesquisadores sobre o tema que pesquisamos, mas a principal coisa que queremos é que este TCC seja usado como material pedagógico nas escolas da nossa T.I para que nossos jovens não deixem de saber sobre nossos costumes ancestrais.

Referências

CANDIDO, Pedro Rêton: *Êg Jamên kÿ Mũ (Textos Kaingang)*

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. 2004. *O Ciclo da Vida Kaingang*. Florianópolis: Laboratório de Historia Indígena, UFSC.

OLIVEIRA, Maria Conceição de. 1996. *Os Curadores Kaingáng e recriação de suas práticas: estudo de caso na aldeia Xapecó (oeste de S.C.)*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC.